

JOÃO LUÍS CARDOSO E OCTÁVIO DA VEIGA FERREIRA

Três suportes de lareira da Penha Verde (Sintra)

Separata da
REVISTA DE ARQUEOLOGIA
(Assembleia Distrital de Lisboa)
N.º 1 — 1990

Três suportes de lareira da Penha Verde (Sintra)

JOÃO LUÍS CARDOSO *

O. DA VEIGA FERREIRA *

1 — INTRODUÇÃO

No estudo exaustivo que os signatários estão efectuando do material recolhido nas escavações realizadas em 1957 e 1958 no povoado calcólítico da Penha Verde (Sintra) (fig. 1), detectaram-se diversos fragmentos dos chamados «ídolos de cornos», alguns dos quais permitiam colagem; deste modo, foi possível reconstituir parcialmente três exemplares, os quais, pelas suas características e pelas considerações que possibilitaram, estão na origem deste trabalho.

2 — CONTEXTO ARQUEOLÓGICO

O povoado pré-histórico da Penha Verde foi alvo, até ao presente, de duas campanhas de escavações. Na primeira, realizada em Setembro de 1957 (ZBYSZEWSKI & FERREIRA, 1958) identificaram-se, além de um silo de grandes dimensões, duas estruturas habitacionais circulares, feitas com blocos calcários.

Na segunda campanha, realizada em Setembro de 1958 (ZBYSZEWSKI & FERREIRA, 1959), escavou-se área adjacente a uma das estruturas habitacionais (Casa 2), tendo-se identificado um fosso de acumulação de detritos e uma calçada de lajes calcárias, entre outras estruturas. As construções habitacionais identificadas possuem paralelos no povoado calcólítico fortificado de Leceia, situado no vizinho concelho de Oeiras (CARDOSO, 1989). Assume, assim, interesse especial o prosseguimento das escavações na Penha Verde, em que um dos signatários está empenhado (J. L. C.), tendo em vista a comparação dos modelos de organização do espaço em dois importantes povoados calcólíticos situados em ambientes que, do ponto de vista geológico, geo-

morfológico, climático e botânico, são notavelmente diferentes.

Dos materiais recolhidos naquelas duas campanhas, assume particular importância a cerâmica, pelas informações de natureza cronológico-cultural que oferece. Verifica-se ausência de materiais atribuíveis ao Neolítico final e Calcolítico inicial da Estremadura. De facto, todos os materiais recolhidos apontam para o Calcolítico superior, período caracterizado pela eclosão da cerâmica campaniforme — aqui representada por recipientes com decoração a pontilhado e incisa — associada a formas e motivos decorativos que, surgidos no Calcolítico pleno da Estremadura, se prolongam, sem alteração, até ao período campaniforme, conforme se verificou no povoado da Rotura, perto de Setúbal (FERREIRA & SILVA, 1970; SILVA, 1971). Trata-se, em especial, de grandes vasos globulares de boca apertada, decorados por «pesadas» linhas abertas a ponta romba, ou incisas, associadas à característica decoração em «folha de acácia» ou «crucífera».



FIG. 1 — Localização do povoado da Penha Verde no concelho de Sintra

Este trabalho inscreve-se no âmbito do re-início da exploração da jazida, decorrendo presentemente a revisão sistemática dos materiais exumados nas duas campanhas de escavações realizadas nos anos de 1957 e 1958. Os desenhos que ilustram o presente trabalho são da autoria de Bernardo L. Ferreira.

* Centro de Estratigrafia e Paleobiologia da UNL. Quinta da Torre, 2825 MONTE DE CAPARICA.

O conjunto dos materiais mostra-se homogéneo, exceptuando-se raríssimos fragmentos do Bronze Final; em conclusão, pode admitir-se, de acordo com os elementos disponíveis de momento, que a Penha Verde conheceu uma única ocupação integral em momento muito avançado do Calcolítico (período campaniforme), aliás confirmada por uma datação de ^{14}C , com o resultado de:

W - 656 PENHA VERDE - 3420 ± 200 BP
(SOARES & CABRAL, 1984).

Os objectos que serão estudados nesta nota foram recolhidos, de acordo com indicação contida na respectiva caixa, no fosso anexo à Casa 2, preenchido por detritos provenientes daquela construção. O espólio ali recolhido foi o seguinte (ZBYSZEWSKI & FERREIRA, 1959):

- «muita cerâmica do tipo campaniforme;
- muita cerâmica incisa;
- cerâmica lisa, alguma de paredes muito finas;
- restos de cadinhos cerâmicos de fabrico muito rude;
- furadores de osso;
- pontas de seta de sílex (uma de jaspe);
- lâminas de sílex;
- raspadores e raspadeiras de sílex e de quartzo;
- núcleos de sílex;
- contas de calaíte;
- corantes;
- fauna de mamíferos dos géneros *Bos*, *Cervus*, *Ovis* e *Sus*.»

Os materiais inventariados como «restos de cadinhos cerâmicos de fabrico muito rude» corresponderão, provavelmente, aos agora estudados.

3 — DESCRIÇÃO DOS MATERIAIS

Peça 1 (figs. 2 e 3) — encontra-se fragmentada na zona central e na metade superior esquerda. Possui, na parte inferior central da face anterior, parte de uma pega de secção oval, de pequenas dimensões.

Peça 2 (fig. 4) — fragmento correspondendo a cerca de um terço do objecto, conservando uma das duas protuberâncias cónicas intacta.

Peça 3 (fig. 5) — fragmento análogo ao anterior, mas pertencendo a exemplar mais baixo e com protuberância lateral mais marcada. Na face anterior, possui um sulco inciso, arqueado na parte superior, aproximadamente vertical.

As pastas cerâmicas são análogas em todos os exemplares; mostram-se grosseiras, com elementos não plásticos de dimensões superiores a 1 mm, frequentemente; são friáveis e de coloração uniforme, acastanhada no interior e no exterior, muito embora um exemplar (peça 3) mostre, em zonas da sua superfície, coloração anegrada a qual, contudo, não ultrapassa 1 cm de espessura. Poderá ser devida à acção do fogo, em lareiras. Em observação macroscópica, identificaram-se os seguintes elementos não plásticos:

- palhetas de mica branca (moscovite) e de mica dourada (lepidolite); abundantes;
- grãos de feldspato brancos, angulosos; abundantes;
- grãos de quartzo, angulosos; menos abundantes;
- excepcionalmente, ocorrem litoclastos, tendo-se observado grão de grandes dimensões (ca. 10 mm) de rocha riolítica, anguloso.

Tendo em consideração a composição mineralógica, a origem da matéria-prima situava-se forçosamente em afloramento pertencente ao maciço granítico de Sintra, que constitui o substrato geológico no local da jazida.

4 — COMPARAÇÕES

A existência de objectos do tipo dos estudados é de há muito conhecida em Portugal. A. DO PAÇO e E. JALHAY (1945, Lám. XXI, n.º 7), estudando os recolhidos em Vila Nova de S. Pedro, consideraram-nos objectos indeterminados. Ulteriormente, porém, o primeiro daqueles autores classificou fragmento análogo dali proveniente, como «pé de fogareiro» fragmentado (PAÇO & ARTHUR, 1954, fig. 10, n.º 17).

KALB & HÖCK (1981/82) apresentaram distribuição geográfica deste tipo de objectos. Em Portugal, inventariaram seis locais:

Cabeço da Bruxa (Alpiarça); Vila Nova de S. Pedro (Azambuja); São Brás (Serpa); Penedo de Lexim (Mafra); Pico Agudo (Torres Vedras); e Santiago do Escoural (Montemor-o-Novo).

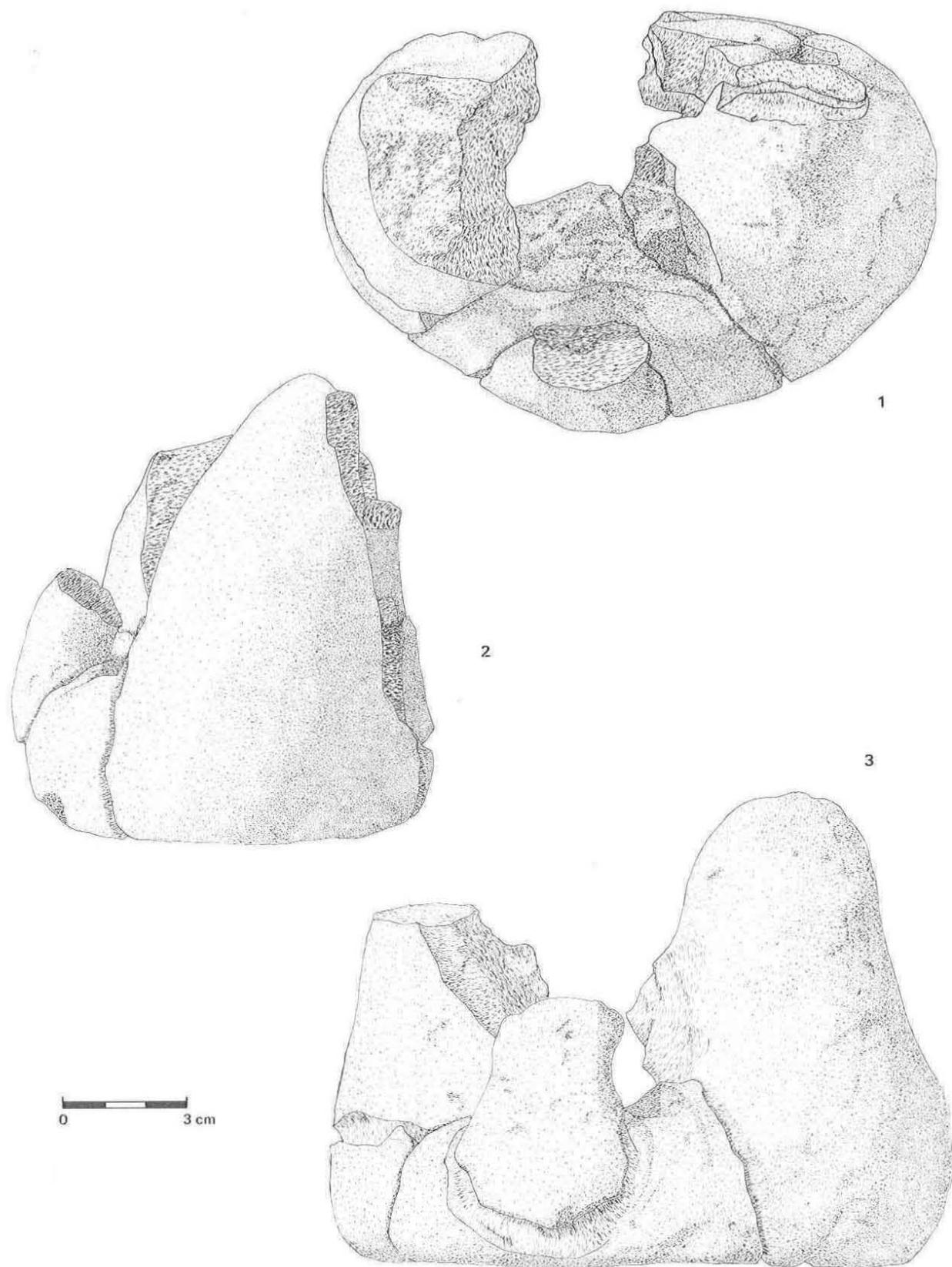


FIG. 2—Exemplar mais completo, tomado como tipo da nova forma de suporte de lareira;
Notar a asa, na zona central da face anterior

Apenas o último dos locais referido corresponde a depósito funerário (um *tholos*), provindo todos os outros de povoados. Tendo em atenção a representação fotográfica apresentada (SANTOS & FERREIRA, 1969, Est. V, n.º 55), parece tratar-se antes de objecto preferencialmente incluível na categoria dos relacionados com o sagrado. De facto, a sua configuração aproxima-o de ídolo-falange, de que seria uma representação em cerâmica, tal como já haviam notado os escavadores do monumento no referido trabalho. O corpo alongado é particularmente semelhante ao dos ídolos-falange feitos em primeiras falanges de cervídeo, os quais, embora desconhecidos em Portugal, tanto quanto saibamos, são, pelo contrário, comuns em monumentos congêneres da província de Almería (LEISNER & LEISNER, 1943).

Em Espanha, KALB & HÖCK (*op. cit.*) referem cinco ocorrências:

Valencina de la Concepción (Sevilla); Morro de Mezquitilla (Málaga); Mas de Menente (Alicante); Diego Alvaro (Ávila); La Peña del Aguila (Ávila).

Ulteriormente à publicação deste trabalho, foram referenciados objectos similares nas seguintes jazidas:

— no povoado calcolítico fortificado de Santa Justa (Alcoutim), já mencionado no mapa de distribuição de KALB & HÖCK (*op. cit.*), é descrito achado nos seguintes termos (GONÇALVES, 1982, p. 47):



FIG. 3 — Aspecto do exemplar mais completo de suporte de lareira, representado na figura 2. Vista anterior

«Mas o grande conjunto de ídolos de cornos (nome pelo que foram designadas certas estatuetas em terra-cota) constitui certamente, por si e pela associação com a estrutura de I 25, uma das mais importantes contribuições do Cerro do Castelo de Santa Justa...».

Porém, o autor não explica qual a natureza da estrutura mencionada no texto, nem representa nenhum dos aludidos «ídolos»¹.

No povoado aberto do Possanco (Grândola), integrável na fase correspondente ao Neolítico final/Calcolítico inicial de região, designada por Comporta III (SILVA *et al.*, 1986), um objecto unicórnio, de cerâmica, foi considerado como podendo «preludiar os chamados «ídolos de cornos» (duplos e não simples como os de Alcácer e Possanco), tão frequentes, a partir do Calcolítico inicial, na Estremadura e no Sudoeste peninsular» (p. 63). Porém, a demonstração cabal de tal afirmação é problemática. No Calcolítico, por outro lado, conhecem-se representações de cornichos cerâmicos, embora de muito menores dimensões, podendo ser restos de esculturas zoomórficas, como os exemplares recolhidos em Vila Nova de S. Pedro (PAÇO & JALHAY, 1945, Lám. XXI, n.º 1-3) ou no povoado do Cortadoiro (SILVA & SOARES, 1976/77), este último integrável no Calcolítico do Sudoeste.

Como síntese das comparações realizadas, conclui-se que, quanto à terminologia, são utilizados os seguintes termos:

- ídolos de cornos, Hörneridol (SPINDLER, 1971);
- «chamados «ídolos de cornos»» (KALB & HÖCK, *op. cit.*; SILVA & SOARES, *op. cit.*); SCHUBART (1985);
- ídolos de cornos («nome pelo que foram designados certas estatuetas em terra-cota») (GONÇALVES, *op. cit.*);
- «pé de fogareiro» (PAÇO & ARTHUR, 1954; SAVORY, 1970);
- «suportes para espeto» (em alternativa à primeira designação — KALB & HÖCK, *op. cit.*); SCHUBART (*op. cit.*);
- objectos indeterminados (PAÇO & JALHAY, 1945).

¹ Informação ulterior, já com este trabalho em provas, prestada por V. Gonçalves, reforça o carácter utilitário e associado à combustão destes artefactos em Santa Justa, visto a referida estrutura se poder relacionar com o uso do fogo.

Entendemos que não há dúvida da função basicamente prática de tais «ídolos», «perhaps as supports for spits or pots on the hearth as at Chalcolithic Mersin», como já SAVORY tinha escrito em 1970 (p. 145). O simples facto de serem, em Portugal e Espanha, exclusivos dos povoados (excluído o exemplar do *tholos* do Escoural que, como já se disse, é de manter na categoria dos objectos relacionados com o sagrado), onde por vezes ocorrem em grande abundância, só reforça tal convicção. Mesmo se nalguns se destacam as conhecidas «tatuagens faciais», como em exemplar de Vila Nova de S. Pedro, figurado em SAVORY (*op. cit.*, fig. 2) e em SPINDLER (1971, fig. 4 b), em nada fica prejudicada a ideia do carácter funcional, agora reafirmada; basta atentar ao elevado número de placas de barro com perfurações nos quatro cantos — comprovadamente pesos de tear, depois das escavações realizadas no Cerro de la Virgen (Granada) — ostentando frequentemente este e outros motivos relacionados com o culto do sagrado, recolhidas em Vila Nova de S. Pedro (PAÇO & JALHAY, 1945, fig. 10, n.ºs 10 e 19; Lám. XXVII, n.º 3). SCHUBART (*op. cit.*) destaca a existência num exemplar, figurado, do Morro de Mezquitilla, de duas depressões — «olhos» — na face anterior para valorizar o seu carácter de ídolo. Porém, para este caso, são válidas as razões apresentadas supra.

A designação de «ídolos de cornos» deixa de ter, por consequência, legitimidade. A designação de «pés de fogareiro», bem como a de «suportes para espeto», embora expressivas da funcionalidade destes objectos, mostram algumas limitações. A primeira, por a palavra «fogareiro» designar artefacto construído por uma única peça, não fazendo pois sentido falar em «pés de fogareiro»; a segunda, porque para além desta função, poderia ter outras, todas as relacionadas com o aquecimento de produtos ou a preparação de alimentos, suportando recipientes sobre o fogo. Desta forma, julga-se que a designação mais adequada para estes objectos, reunindo o significado subjacente às duas anteriores, é a de «suportes de lareira». O carácter essencialmente prático de tais objectos não significa que não encerrem — pelas suas funções, estreitamente relacionadas com o mágico fogo e, eventualmente com a metalurgia e com todo o transcendente a ela associado — um significado mais profundo, traduzido pela forma e decorações, sem contudo ser suficiente para atingirem a categoria de «ídolos», no sentido literal do termo.

O estudo tipológico realizado sobre os exemplares portugueses, conduziu à consideração de três tipos, tanto quanto foi possível averiguar pelas descrições e representações apresentadas na bibliografia:

Tipo 1 — corpo cilindróide, com estrangulamento na parte média. Extremidade superior ocupada por duas protuberâncias cónicas, bem individualizadas e divergentes. Presença de furo atravessando o objecto, antero-posterior, central. Exemplos: Vila Nova de S. Pedro (SAVORY, 1970, fig. 2; SPINDLER, 1971, fig. 4 b); Cabeço da Bruxa (KALB & HÖCK, 1981/82); São Brás (PARREIRA, 1983, fig. 11, n.º 7). Variante deste tipo, corresponde a ausência de perfuração. Com efeito, este carácter reveste-se de importância muito secundária na tipologia, visto poder atribuir-se a sua presença/ausência à maior ou menor preocupação, por parte dos artífices, em se obter um melhor cozimento do seu interior (informação gentilmente transmitida por J. Ludgero Gonçalves, a propósito dos exemplares recolhidos em Valencina de la Concepción, e de acordo com opinião expressa pelos respectivos escavadores).

Tipo 2 — exemplares cujas protuberâncias não se encontram bem individualizadas, sendo apenas definidas por ligeira depressão que as separam. Não se registou qualquer exemplar completo. Diferem, ainda, do Tipo 1, por possuírem corpo de tendência cónica. Um exemplar de Vila Nova de S. Pedro apresenta a face anterior decorada por incisões rectilíneas e ligeiramente onduladas. Exemplos: Vila Nova de S. Pedro (SAVORY, 1970, figs. 1 e 3); Pico Agudo (SPINDLER, 1971, fig. 4 b; fig. 6, n.ºs 37 a 39).

Tipo 3 — tipo diferenciado dos dois anteriores por apresentar o topo ocupado por apenas uma protuberância, de formato cónico. Representado apenas por exemplar proveniente de Vila Nova de S. Pedro (SAVORY, 1970, fig. 4).

Todos os exemplares integráveis nos três tipos descritos, mostram perfil arqueado, estreitando progressivamente para o topo.

Os exemplares da Penha Verde, não se integram em nenhum destes tipos. Além de não possuírem perfil arqueado — o que à partida excluía a sua inclusão em qualquer deles — o exemplar mais completo, considerado como tipo de uma nova forma, apresenta as seguintes características particulares:

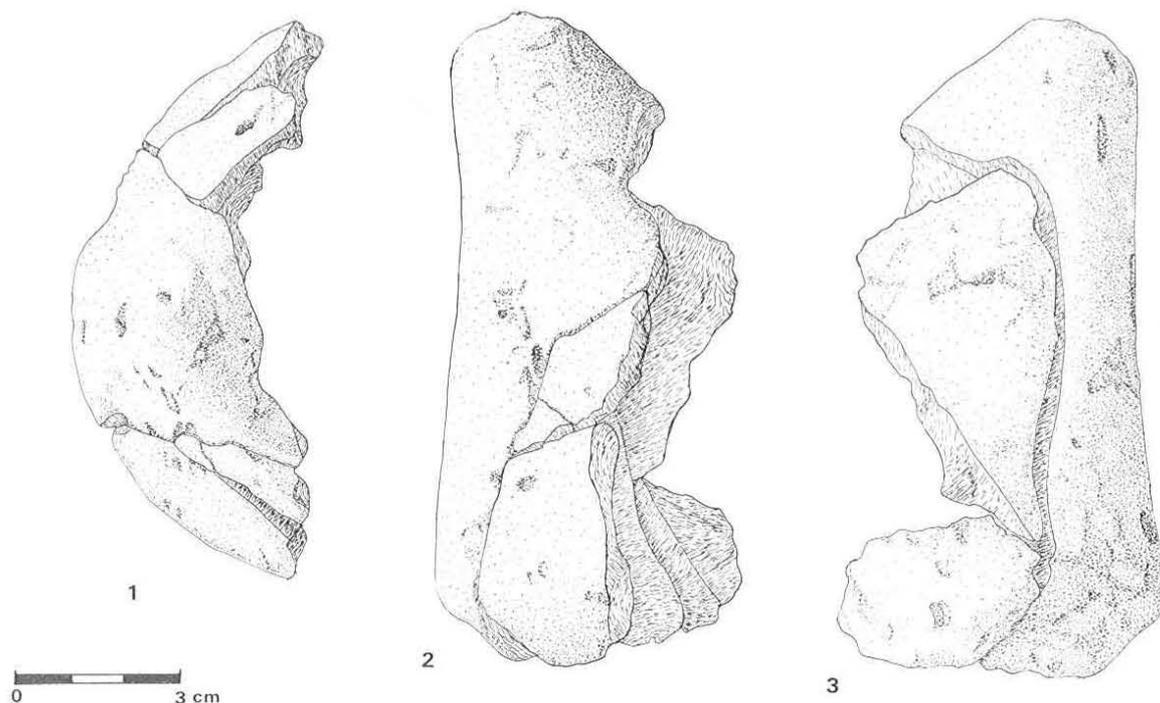


FIG. 4 — Suporte de lareira, pertencente ao mesmo tipo do das Figs. 2 e 3 (?) muito incompleto:
1 — Vista oclusal; 2 — Vista anterior; 3 — Vista posterior

— ao contrário do Tipo 1, não apresenta estrangulamento na parte média; o corpo, de tendência tronco-cónica, aproxima-se dos do Tipo 2 mas, ao contrário destes, o topo encontra-se ocupado por duas volumosas protuberâncias cónicas, muito bem individualizadas, característica que também o diferencia do Tipo 3. Por último, possui uma pega, que ocuparia, se estivesse completa, a metade inferior da zona central da face anterior. Tal pega destinava-se, sem dúvida, a facilitar as operações de prensão, no decurso do aquecimento de produtos, facto que acentua a sua índole utilitária.

Os restantes fragmentos da Penha Verde (figs. 4 e 5) encontram-se demasiado fragmentados para que possam ser identificadas outras particularidades distintivas relativamente aos três tipos definidos atrás. O representado na fig. 4 pertencerá à forma acima descrita. O restante (fig. 5), poderá corresponder a uma outra forma, visto mostrar contorno lateral bombeado, ao contrário dos dois anteriores.

Por fim, o aparecimento dos três suportes de lareira em zona de acumulação de despejos provenientes de recinto habitacional, só reforça o carácter utilitário de tais artefactos, conforme se procurou demonstrar neste trabalho.

5 — CRONOLOGIA

Todos os suportes de lareira portugueses e espanhóis até agora referenciados integram-se no Calcolítico, como já anteriormente KALB & HÖCK (*op. cit.*) haviam afirmado. Relativamente aos recolhidos em Portugal, as informações estratigráficas de pormenor são escassas. Apenas em Vila Nova de S. Pedro e no Penedo de Lexim (Maфра), há registos mais precisos.

Em Vila Nova de S. Pedro, foram atribuídos à camada que forneceu «copos», por esse facto pertencente ao Calcolítico inicial da Estremadura; de acordo com as palavras de SAVORY (1970, p. 145), revelaram-se, mesmo, como um dos elementos característicos daquela camada: «The connection of the earlier phase there with the Aegean and Anatolia is indicated not only by the «copos» but the «pés de fogareiro» which are so abundant on the site».

No Penedo de Lexim, povoado de altura do concelho de Maфра, de acordo com ARNAUD (1974/77, pp. 399-400), eram, no quadrado A, os elementos cerâmicos mais abundantes do estrato 4, sem dúvida também pertencente ao Calcolítico inicial.

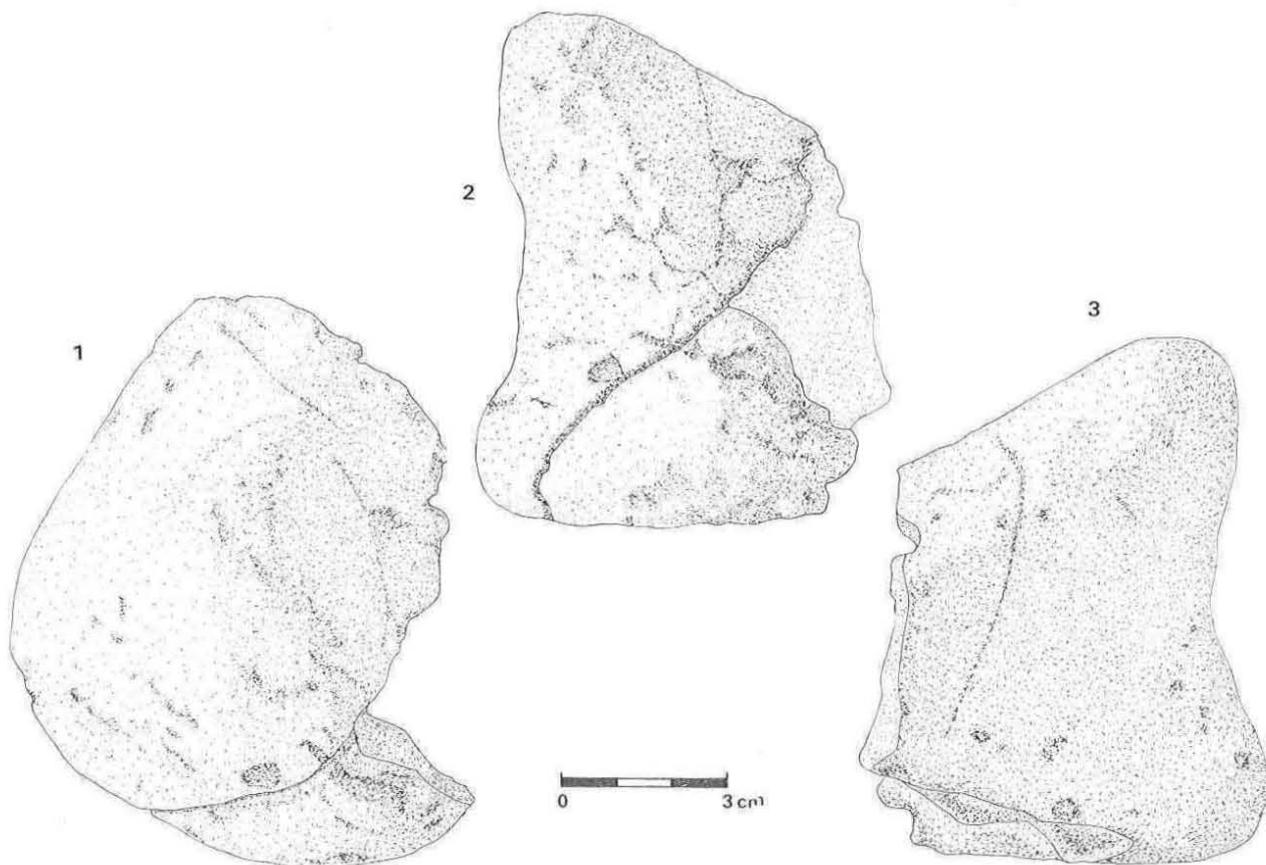


FIG. 5 — Suporte de lareira de tipo indeterminado, possuindo na face anterior sulco inciso arqueado (tatuagem facial?): 1—Vista oclusal; 2—Vista posterior; 3—Vista anterior

Na campanha de escavações realizada em 1988 em Leceia, recolheram-se fragmentos de vários; um deles apresenta vestígios de perfuração, feita na pasta fresca, com o polegar, a qual, porém, não atravessava todo o corpo da peça. Todos eles provêm de camada de derrube relacionável com fase avançada do Calcolítico inicial da Estremadura (CARDOSO, 1989).

Os fragmentos recolhidos na Penha Verde, apresentam, assim, mais um elemento inédito, por comprovarem que, no Calcolítico superior da Estremadura (período campaniforme), ainda se utilizavam frequentemente, ficando, talvez por esta longevidade, explicados os marcados particularismos que os caracterizam, relativamente aos restantes exemplares estremenhos.

Nos povoados calcolíticos do Sudoeste, a sua posição estratigráfica carece de ser pormenorizada, no respeitante às duas ocorrências até agora registadas em Portugal: São Brás (Serpa) e Santa Justa (Alcoutim) donde, inclusivamente, não se conhece publicada nenhuma representação, apesar da sua declarada importância na estação.

6 — CONCLUSÕES

O estudo dos suportes de lareira da Penha Verde, do Calcolítico superior estremenho (período campaniforme) permitiu obter as seguintes conclusões gerais:

— Do ponto de vista terminológico, uma vez confirmado o carácter utilitário de tais objectos, deixa de fazer sentido a usual designação de «ídolo de cornos»; do mesmo modo, por serem inexactas, são de abandonar expressões como «pés de fogareiro» e «suportes de espeto», muito embora a ideia subjacente a ambas, quanto à finalidade de tais objectos esteja parcialmente correcta; assim se justifica o termo agora proposto: suporte de lareira;

— do ponto de vista cronológico-cultural, encontram-se representados nos dois grupos culturais calcolíticos até agora definidos no centro-sul de Portugal: Calcolítico da Estremadura e Calcolítico do Sudoeste, este último com prolongamento pela Andaluzia, onde são também conhecidos, sem dife-

renças tipológicas notáveis, tanto quanto permitem supor as escassas representações existentes. Em Portugal, foi apenas na Estremadura que observações estratigráficas permitiram localizá-los adrede o Calcolítico: nos três casos em que, até agora, tal foi possível, trata-se do Calcolítico inicial. Assume, assim, particular interesse os achados na Penha Verde, por demonstrarem a utilização dos suportes de lareira até, pelo menos, o Calcolítico superior:

— do ponto de vista tipológico, os exemplares da Penha Verde representam, globalmente, pelo menos um novo tipo de suportes de lareira, dentre os três tipos até agora conhecidos, de acordo com a sistematização tentada neste trabalho com base nos elementos bibliográficos disponíveis. A pega frontal existente no exemplar mais completo, mais acentua o carácter funcional de tais peças; destinava-se, sem dúvida a uma mais fácil prensão tendo em vista a deslocação do suporte no decurso das operações de aquecimento de matérias ou preparação de alimentos. Dos dois exemplares mais fragmentados, um integrar-se-á no tipo representado pelo mais completo, considerado por isso «holotipo», enquanto o outro poderia, eventualmente, representar um novo tipo, não fosse a incerteza devida ao estado de fragmentação da peça.

BIBLIOGRAFIA

- ARNAUD, J. M. (1974/77) — *Escavações no Penedo de Lexim (Maфра)/1975. Notícia preliminar*. «O Arqueólogo Português», Série III, Vol. VII a IX. Lisboa.
- CARDOSO, J. L. (1989) — *Leceia. Resultado das escavações realizadas (1983/1989)*. Câmara Municipal de Oeiras. Oeiras.
- CARDOSO, J. L.; SOARES, J. e SILVA, C. Tavares da (1987) — *Oeiras há 5000 anos. Monografia de Leceia*. Câmara Municipal de Oeiras. Oeiras.
- LEISNER, G. e LEISNER, V. (1943) — *Die Megalithgräber der Iberischen Halbinsel. Erster Teil: Der Süden*. «Römisch-Germanische Forschungen», Band 17. Berlin.
- FERREIRA, O. da Veiga e SILVA, C. Tavares da (1970) — *A estratigrafia do povoado pré-histórico da Rotura (Setúbal). Nota preliminar*. Actas das I Jornadas Arqueológicas, Vol. II. Lisboa.
- GONCALVES, V. (1982) — *Cerro do Castelo de Santa Justa. Um povoado calcolítico fortificado no Alto Algarve Oriental*. «Arqueologia», n.º 6. Porto.
- KALB, Ph. e HÖCK, M. (1981/82) — *Cabeço da Bruxa, Alpiarça (Distrito de Santarém). Relatório preliminar da escavação de Janeiro e Fevereiro de 1979*. «Portugália», Nova Série, Vol. II/III. Porto.
- PAÇO, A. do e ARTHUR, M. L. C. (1952) — *Castro de Vila Nova de S. Pedro. 15.ª Campanha de escavações (1951)*. «Brotéria», Vol. LIV, Fasc. 3. Lisboa.
- PAÇO, A. do e JALHAY, E. (1945) — *El castro de Vila Nova de San Pedro*. «Actas y Memorias de la Sociedad Española de Antropología, Etnografía y Prehistoria», T. XX. Madrid. (Reimpressão em «Trabalhos de Arqueologia de Afonso do Paço», Vol. II, ed. da Associação dos Arqueólogos Portugueses. Lisboa).
- PARREIRA, R. (1983) — *O Cerro dos Castelos de São Brás (Serpa). Relatório preliminar dos trabalhos arqueológicos de 1979 e 1980*. «O Arqueólogo Português», Série IV, Vol. I. Lisboa.
- SANTOS, M. Farinha dos e FERREIRA, O. da Veiga (1969) — *O monumento eneolítico de Santiago do Escoural*. «O Arqueólogo Português», Série III, Vol. III. Lisboa.
- SCHUBART, H. (1985) — *Morro de Mezquitilla. Informe preliminar sobre la campaña de excavaciones de 1982 realizada en el asentamiento fenicio cerca de la desembocadura del río Algarrobo*. «Noticiario Arqueológico Hispanico», n.º 23. Madrid.
- SILVA, C. Tavares da (1971) — *O povoado pré-histórico da Rotura. Notas sobre a cerâmica*. Actas do II Congresso Nacional de Arqueologia, Vol. I. Coimbra.
- SILVA, C. Tavares da e SOARES, J. (1976/77) — *Contribuição para o conhecimento dos povoados calcolíticos do Baixo Alentejo e Algarve*. «Setúbal Arqueológica», Vol. II/III. Setúbal.
- SILVA, C. Tavares da; SOARES, J.; CARDOSO, J. L.; CRUZ, C. Souto e REIS, C. A. Sousa (1986) — *Neolítico da Comporta: Aspectos cronológicos (datas ¹⁴C) e paleoambientais*. «Arqueologia», n.º 14. Porto.
- SOARES, A. Monge e CABRAL, J. M. Peixoto (1984) — *Datas convencionais de radiocarbono para estações arqueológicas portuguesas e a sua calibração: revisão crítica*. «O Arqueólogo Português», Série IV, Vol. II. Lisboa.
- SPINDLER, K. (1971) — *Kupferzeitliche Siedlung vom Pico Agudo*. «Madrider Mitteilungen», n.º 12.
- ZBYSZEWSKI, G. e FERREIRA, O. da Veiga (1958) — *Estação pré-histórica da Penha Verde (Sintra)*. «Comunic. Serv. Geol. Port.», T. XXXIX. Lisboa.
- ZBYSZEWSKI, G. e FERREIRA, O. da Veiga (1959) — *Segunda campanha de escavações na Penha Verde (Sintra)*. Actas e Memórias do I Congresso Nacional de Arqueologia, Vol. I. Lisboa.